



REGIMES FUNCIONAIS DE PARÁFRASES E CITAÇÕES EM ARTIGOS ACADÊMICOS DA CULTURA DISCIPLINAR DA LINGUÍSTICA.

Maria Alice Bezerra Damasceno¹
Kennedy Cabral Nobre²

RESUMO

Nossa pesquisa tem como objetivo central examinar as estratégias de parafrazeamento em textos acadêmicos, especificamente em seções de revisão de literatura de artigos científicos que retextualizam o ensaio “Os Gêneros do Discurso” de Bakhtin (2003). O conceito de paráfrase adotado neste trabalho provém de abordagens sob o ponto de vista da semântica, a partir de Cançado (2004), Duarte (2003), Ilari e Geraldini (1985); e da enunciação, por Hilgert (2002; 2006). Para a análise das paráfrases, utilizamos como categorias os planos propostos por Fuchs e discutidos por Duarte (2003), a saber, plano locutivo, plano referencial, plano pragmático e plano simbólico e as categorias de classificação de Hilgert (2002; 2006), expansão parafrástica (paráfrase expansiva); a redução parafrástica (paráfrase redutora); e a simetria parafrástica (paráfrases simétricas). Os resultados apontam maior ocorrência de determinados recursos comparado a outros. Da classificação proposta por Fuchs (1982), o uso do plano referencial se mostra mais produtivo. Quanto à classificação proposta por Hilgert (2002; 2006) a categoria que mais se faz recorrente é a de redução parafrástica.

Palavras-chave: Paráfrase em plano locutivo; redução parafrástica; função resumidora.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Palmares, Discente, alicabezerra_outlook.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Palmares, Docente, cabralnobre@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

Este artigo visa entender como as paráfrases podem ser um recurso estratégico na produção de textos acadêmicos, especialmente em seções de revisão de literatura. Para tanto, faz-se necessário discutir algumas propostas de classificação para as distintas formas de parafraseamento.

Conforme Sant'Anna, Paráfrase vem do grego "para- phrasis", que denota uma repetição de uma determinada sentença. Para Beckson e Ganz (1572-1631), citados por Sant'Anna (2003), sua definição oficial "é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita. Uma paráfrase pode ser uma afirmação geral da idéia de uma obra como esclarecimento de uma passagem difícil. Em geral ela se aproxima do original em extensão." (Sant'Anna, 2003, p. 17).

Em muitas vertentes, esse conceito clássico de paráfrase se mantém, como é o caso de Cançado (2008), que aborda a paráfrase sob a perspectiva da noção de sinonímia frasal, ou seja, a partir do critério de manutenção de identidade de significados entre duas sentenças. A autora também denomina a paráfrase, a partir de Chierchia e McConnell-Ginet (1990), como sinonímia de conteúdo, assim definida: "A sentença (a) é sinonímia de conteúdo da sentença (b), quando (a) acarretar (b) e (b) acarretar (a)" (Cançado, 2008, p.43)

Observamos, a seguir, exemplos de Cançado (2008, p. 46):

- a. Aquelas mulheres do canto estão chamando
- b. Aquelas senhoras do canto estão chamando
- c. Aquelas damas do canto estão chamando

As sentenças são paráfrases umas das outras em decorrência da permuta lexical (mulheres » senhoras » damas), considerados termos sinônimos. A despeito da restrição da paráfrase a uma perspectiva gramatical de sinonímia, Cançado (2008) defende que não há identidade absoluta de sentidos, sendo a paráfrase dependente de contextos frasais. Ilari e Geraldi (1985) abordam a paráfrase de modo semelhante, isto é, em termos de sinonímia frasal. Além disso, os autores apresentam uma série de transformações sintáticas entre sentenças que garantiriam a manutenção de sentidos. São elas:

- a) a relação voz ativa/ voz passiva:

Pedro matou João.

João foi morto por Pedro.

- b) a construção de comparativo de igualdade:

Pedro é tão bom quanto José.

José é tão bom quanto Pedro

- c) a construção dos comparativos de superioridade e inferioridade, formuladas nos dois sentidos:

Pedro é mais esperto do que José

José é menos esperto do que Pedro

- d) a construção com ter/ a construção com ser de:

Pedro tem João como amigo

João é amigo de Pedro.



- e) construções nominalizadas/ construções não-nominalizadas:

Primeiro o coral cantou o hino, depois a banda executou a marcha fúnebre
O canto do hino pelo coral foi seguido pela execução da marcha fúnebre pela banda.

- f) construções com mesmo:

Wladimir Zatopek corre 3000 metros no mesmo tempo que o irmão do João.
O irmão do João corre os 3000 metros no mesmo tempo que Wladimir Zatopek.

Hilgert (2002; 2006) analisa a paráfrase em interações orais, permitindo uma nova perspectiva sobre o fenômeno. Diante disso, o autor propõe uma nova classificação para a paráfrase, quanto ao aspecto formal, em três tipos: expansão parafrástica, redução ou condensação parafrástica e simetria ou paralelismo parafrástico. Quanto à expansão parafrástica, o autor define que ela “consiste no fato de o parafraseamento se realizar por meio de um enunciado lexical e sintaticamente mais complexo do que a matriz.” (Hilgert, 2002, p. 147). A redução parafrástica ocorre “quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase se formula numa unidade lexical e sintaticamente mais simples, isto é, quando a formulação da paráfrase se desenvolve em sentido contrário ao da expansão, identifica-se a condensação.” (Hilgert, 2002, p. 149). Por fim, na simetria ou paralelismo parafrástico que “podem-se reconhecer paráfrases que se formulam na mesma dimensão léxico-sintática de suas matrizes.” (Hilgert, 2002, p.149).

Além da classificação formal, o autor aponta uma série de funções da paráfrase, com papéis de: definir, explicitar, resumir, denominar e especificar. Observando a função de definir, o autor estabelece que “[...] a paráfrase define termos abstratos mencionados na matriz.” (Hilgert, 2002, p. 152). A função de explicitar acontece quando “a matriz não apresenta esse caráter abstrato, [...] precisando ou especificando informações contidas nas matrizes” (Hilgert, 2002, p.152). Na função resumidora o autor define-a quando a paráfrase sintetiza as ideias apresentadas na matriz. A função que tem como objetivo denominar, ocorre “na medida em que retomam a formulação analítica e, não raras vezes, vaga, complexa ou confusa da matriz, por meio de um termo ou uma expressão semanticamente abrangente.” (Hilgert, 2002, p. 153). Por fim, a função especificadora “tendem a especificar o termo ou a expressão parafraseada” (Hilgert, 2002, p. 153).

Além dos trabalhos mencionados, cabe ressaltar o tratamento mais abrangente que Fuchs (1982), citada por Duarte (2003), dá à paráfrase a partir de quatro planos parafrásticos: plano parafrástico locutivo, o plano referencial, o plano pragmático e o plano simbólico. Fuchs (1982), concebe o plano parafrástico locutivo sendo aquele que “[...] conduz a uma decodificação que se alicerça sobre o sentido linguístico.” (Fuchs, 1982, p. 244). O plano referencial “[...] se ancora sobre as identidades compartilhadas pelo locutor e pelo alocutário.” (Fuchs, 1982, p. 246). No plano pragmático “[...] a paráfrase se baseia nas intenções do locutor, seu comprometimento com o ato de fala.” (Fuchs, 1982, p. 247). Para finalizar, a autora abrange o plano simbólico em que “[...] consideram-se as figuras de estilo e os gêneros literários. [...] A paráfrase tem pontos de contato com os níveis de leitura de um texto -as isotopias-, sobre os quais os participantes podem não estar de acordo.” (Fuchs, 1982, p. 250).

METODOLOGIA

Para a construção do corpus desta pesquisa, foi realizada uma consulta a periódicos na Plataforma Sucupira (<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>), que atendessem aos seguintes requisitos: ser da área de

Linguística e Literatura e ter Qualis superior a A3.

Realizada a primeira triagem do nosso estudo, partimos para a seleção de artigos científicos dos periódicos escolhidos. A escolha dos artigos baseou-se em um fator central, a presença, nas referências bibliográficas, do texto “Os Gêneros do Discurso” Bakhtin (2003), preferencialmente na tradução do russo de Paulo Bezerra. Para tanto, utilizamos a ferramenta de “filtros”, presente em cada site dos periódicos selecionados. As palavras utilizadas para esta seleção foram: Gêneros dos Discurso e Bakhtin. Inicialmente foram coletados 20 artigos entre os anos de 1981 e 2023. Embora estivéssemos com uma quantidade razoável de artigos, selecionamos uma amostra de 5 textos acadêmicos que apresentavam uma maior recorrência no uso de paráfrases apoiadas no texto de Bakhtin (2003). A partir desta amostra, analisamos individualmente cada ocorrência de paráfrase de cada artigo a partir das estratégias de retextualização utilizadas los autores e por conseguinte classificamos as paráfrases baseando-nos nas propostas de Fuchs (1982), citada por Duarte (2003), e de Hilgert (2002; 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer das análises, percebemos que os autores apresentaram três formas básicas de referenciar a autoria alheia, são elas a menção, a citação direta e a citação indireta ou parafraseamento. Vejamos exemplos de cada estratégia a seguir:

- Estratégia de menção

Ex1: Art1- “Quando esse conteúdo/tema típico ganha conclusibilidade, em função de condições definidas pelo autor, Bakhtin destaca o “tema do enunciado”.” (Fuza; Rodrigues, 2022, p. 21.). Observamos neste trecho que não há de fato uma retextualização de conteúdo, antes observamos a existência da menção de um termo técnico “tema do enunciado” e da menção de seu autor “Bakhtin”. Não há no trecho desenvolvimento do que seja “tema do enunciado”, pois provavelmente se espera que os interlocutores partilhem dessa definição.

- Estratégia de citação direta

Ex2: Art2- “começou a revelar-se nele “a individualidade do autor, ou seja, passou a soar a sua própria entonação” (BAKHTIN, 2013, p.40, grifos nossos)” (FENILLI ; HÜBES, 2023, p.10)

Notamos a presença da Estratégia de citação direta, que é definida pela transcrição *ipsis litteris* do texto base. No contexto acadêmico há regras bastante rígidas para sinalizar a autoria do que é dito. No exemplo 2, a citação está demarcada entre aspas com a indicação de ano e autor.

- Estratégia de citação indireta ou parafraseamento.

Embora mencionamos o uso de outras estratégias, a que abordamos neste tópico é de fato o objeto de estudo e análise da presente pesquisa. Observamos no decorrer do nosso estudo a correlação entre a redução parafrástica de Hilgert (2002; 2006) e o plano referencial de Fuchs (1982), citada por Duarte (2003). Ao se compor um texto de revisão de literatura é possível encontrar paráfrases de textos pontuais (paráfrase em plano locutivo para Fuchs (1982) e simetria parafrástica para Hilgert (2002; 2006). Entretanto é muito mais recorrente a estratégia de redução parafrástica, ou seja, quando os autores sintetizam e condensam informações que estão dispersas em passagens distintas do texto original. A paráfrase não é reconhecida por

correspondências sintáticas entre sentenças , mas pela manutenção de referentes e de sua respectiva predicação. Vejamos o exemplo:

Ex3: Art1: “Neste ensaio inacabado, Bakhtin (2003^a [1979]) apresenta o enunciado como entidade concreta e a língua como instrumento sócio-histórico, constituídos e estruturados pelas formas de organização e de distribuição de esferas sociais, como as esferas do cotidiano (familiares e íntimas) e as esferas dos sistemas ideológicos constituídos (moral, religião, ciência, arte etc.).” (Kramer, 2004, p.21). Observamos que não existe uma correspondência sintática para essa passagem, mas percebemos a presença de alguns referentes dispersos em locais distintos do texto.

Trecho 1 do texto base: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados* (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (pág. 261). No primeiro trecho do texto de Bakhtin notamos que, embora alguns termos não estejam transcritos *ipsis litteris*, apresentam o mesmo sentido. no trecho do texto base nos é apresentado que “ o enunciado como entidade concreta e a língua como instrumento sócio-histórico” comparando com a passagem do artigo em que se lê “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados* (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

Trecho 2 do texto base: “Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano e extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, O repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes).” (pág.262). No segundo trecho do texto base, observamos que houve uma condensação no que diz respeito à heterogeneidade dos gêneros do discurso. Na passagem do artigo tido como exemplo o enunciado é “[...] constituído e estruturados pelas formas de organização e de distribuição de esferas sociais, como as esferas do cotidiano (familiares e íntimas) e as esferas dos sistemas ideológicos constituídos (moral, religião, ciência, arte etc.).”, já na passagem do texto base, verificamos que Bakhtin aborda de forma mais prolongada essa heterogeneidade.

CONCLUSÕES

No fim da pesquisa, notamos que, ao classificar as paráfrases a partir dos planos estabelecidos por Fuchs (1982), podemos notar uma presença mais acentuada do plano referencial. Também compreendemos que ao classificar paráfrases de acordo com os parâmetros estabelecidos por Hilgert (1989; 2006) notamos um maior número de ocorrências quando retomamos a paráfrase redutora e quanto a sua função, estabelecida por Hilger (2002;2006), notamos uma maior incidência de uso quanto a função de resumo. Por fim, compreendemos que o estudo de paráfrases baseado em comparações entre sentenças não se faz produtivo, portanto seria proveitoso uma pesquisa em torno de uma categoria textualmente estruturada.



AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira que financiou este projeto.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. 4.ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CANÇADO, Márcia. Manual de Semântica: Noções Básicas e Exercícios. ed.2. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA PARÁFRASE. Revista Letras, v. 59, 30 jun. 2003.

HILGERT, JOSÉ GASTON. As paráfrases na construção do texto falado: O Caso das Paráfrases em Relação Paradigmática com suas Matrizes. In: Ingedore G. Villaça Koch (org.). ed.2. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

HILGERT, J. G. Parafraseamento. In: Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (Orgs.). Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, vol. I - Construção do texto falado, 2006, p. 275-299.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. Semântica. ed.10. São Paulo: Editora Ática, 1985.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paródia, Paráfrase & CIA. 7.ed. São Paulo: Editora Ática, 2003,